

As "forças vivas" preparam-se para agravar mais a situação económica do operariado

Para os que nada mais fazem que receber o produto advindo do esforço alheio! oito horas de trabalho é tempo diminutíssimo. O operário deve trabalhar mais horas, deve trabalhar mais intensamente, anemizando-se, tuberculizando-se, não para que haja fartura que sacie as necessidades do consumo, mas para que o agiota, o negociante e o roceiro enriqueçam fabulosamente.

E' odioso o intento dos gananciosos, agravando as condições de trabalho ao operariado num século em que a mecânica pode resolver facilmente muitos e complexos problemas económicos. Mas, para e ganância do industrial e do comerciante, há só um recurso para remover as suas dificuldades, que não são as dificuldades do consumidor nem, mesmo, as do país que eles tanto amam: agravar a situação do operariado.

A Associação dos Lojistas apresentou ao ministro do Interior várias reclamações, das quais só nos interessa a que diz respeito ao horário do trabalho. Não reclamam menos que a revogação, ou a remodelação a seu gosto, do regime das oito horas de trabalho.

Alegam as hediondas "forças vivas" que o comércio e a indústria querem produzir mais, em maior liberdade, vendendo os artigos a qualquer hora, sem a fiscalização dos seus empregados nem, sequer, a do Estado. O cinismo vai ao ponto de acharem insuficiente o tempo que decorre nas oito horas estipuladas por uma lei que é a consequência de uma conquista da classe operária, aliás, reconhecida por pactos internacionais entre os Estados.

ESCLARECENDO SITUAÇÕES

Uma nota oficiosa da mesa do Conselho Confederal a toda a organização operária

Presados camaradas:

Na sessão do Conselho Confederal, ontem realizada, tendo-se apreciado a maneira como a imprensa burguesa da capital se tem ocupado do incidente latente no seio da C. G. T., e constatando que ou por erro de informações ou por lamentável acinte, mas de qualquer modo revelando uma ignorância crassa do que é a estrutura orgânica da Central Operária e da razão de ser dos assuntos que ela debate, se tem desvirtuado a verdade do que se passa, o Conselho Confederal incumbiu os elementos que o presidiam de esclarecer a opinião pública e em especial o operariado.

Em verdade, o que existe é uma divergência de pontos de vista sobre a delegacia que em nome da C. G. T. foi feita a Paris, a uma reunião do "Pleno" da A. I. T., delegacia que sendo revestida de sigillo chegou ao conhecimento de elementos estranhos à organização operária, o que levantou reparos de alguns delegados numa sessão anterior. Numa série de sessões o assunto tem sido debatido acaloradamente por quasi todo o Conselho Confederal, observando-se todavia a pureza dos princípios sindicalistas revolucionários que norteiam a organização operária portuguesa. Simplesmente, como atrás fica dito a questão tem sido tratada com calor, calor que por vezes toca as raíças da paixão.

A organização confederal, porém, continua marcando o seu lugar, sendo de esperar que, muito sensatamente, estas questões se dissipem com rapidez, a bem da defesa e possível engrandecimento da organização operária e princípios que lhe foram demarcados pelos congressos já realizados.

Nada mais existe. A C. G. T. prosseguirá, contra todas as especulações, a sua senda de expoente máximo da luta de classes norteadas pelo sindicalismo revolucionário.

A mesa do Conselho:
Domingos Gonçalves
Ferreira da Silva
Alfredo Pinto.

A Lituânia aboliu a pena de morte
KOWNO, 25. — O Parlamento lituano aprovou uma lei de abolição total da pena de morte na República de Lituânia.

As "forças vivas" com um descaimento próprio de quem só avança quando o triunfo é fácil, ou a retirada está garantida, pretendem saltar por sobre todos os sentimentos de humanidade, por sobre as conquistas da razão, por sobre aquelas sanções que as classes conservadoras deviam respeitar mais do que ninguém.

Querem produzir mais—lucros, explorando como negreiros o trabalho e a energia dos outros. Querem mais liberdade para que possam cometer toda a sorte de injustiças, pagando quanto queiram e quando queiram, sem, ao menos, lhes ser conferida a obrigação de ser humanos no reconhecimento das necessidades económicas dos que para ela trabalham. Não querem a inocente fiscalização dos seus empregados nem a inofensiva fiscalização do Estado para que ao mesmo tempo possam roubar, sem que o menor protesto tenha cabimento, o consumidor e o produtor. E no delírio ganancioso querem a supressão das 8 horas, achando insuficiente todo o tempo para auferirem os lucros que só chatins sabem adquirir por processos que repugnam às pessoas de carácter—que são, afinal, as que trabalham.

Uma conquista da classe operária, feita com aquele sacrificio tantas vezes exaltado, está ameaçada pela ganância criminosa, porventura, homicida, das "forças vivas".

O operariado tem de estar atento a todas estas manobras, para que, no momento oportuno, saiba dar a melhor resposta a todas as extorsões.

POR SACCO E VANZETTI

Os trabalhadores mexicanos fazem um apelo digno de atenção

O Comité Pró-Presos da Federação Local de Trabalhadores, em Tampico (México) tem participado da agitação que provocou entre o proletariado a única sentença dos juizes de Massachussets. Não há, ainda, muitas semanas, fizeram publicar o apelo que a seguir transcrevemos:

Aos trabalhadores, por Sacco e por Vanzetti

Estão novamente em perigo as vidas dos nossos camaradas Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti. Outra vez a feroz capitalista de Wall Street tenta fustigar as suas venenosas garras em pessoas de proletários.

Camaradas: sabeis qual o crime de Sacco e de Vanzetti? Serem ferozmente anarquistas, proclamando a liberdade de todos os oprimidos da Terra, fustigando os tiranos e afirmando o ideal anarquista, e isso lhes vai custar, agora, as suas vidas. Eles nos disseram:—Dai-nos a liberdade, senão a morte!...

Eis a prova irrefutável da firmeza do seu ideal, e muito caro virá a custar-lhes, se os trabalhadores não agirem.

Nosso inolvidável camarada Ricardo Flores Magon, durante a sua afrontosa clausura, disse:—Os trabalhadores têm a nossa liberdade nas suas mãos, por isso, estaremos livres quando eles queirem.

O companheiro Magon disse uma verdade e leve demasiada razão, visto que ninguém mais que os trabalhadores podem e devem arrancar os camaradas presos das unhas dos nossos inimigos. O nosso silêncio seria criminoso, e cobardia imperdoável, ante os factos ignominiosos. Não devemos, pois, mantermo-nos silenciosos, porque o nosso mutismo sancionaria a atitude dos que nos exploram e tiranizam.

Não permitamos que a selvageria de um governo desposta e mau condene a vida de dois dos nossos mais queridos camaradas: assim, o crime não seria deles, mas nosso, porque a nossa cobardia não nos deixaria acorrer em seu socorro, nem praticar o menor acto de rebelião.

E' por isso que o comité pró-presos desta região, apoiado pela federação local, não duvidando de que os trabalhadores saberão colocar-se à altura do seu dever que lhes compete como homens, propõe o que considera mais necessário e imediato:

Que se leve a efeito a rigorosa boicotagem a todos os produtos importados dos Estados Unidos do Norte; que se aplique a sabotagem a todas as empresas norteamericanas com sede no México; que se proteste energicamente, até que se consiga a liberdade completa das duas vítimas da perseguição capitalista.

Escola Biblioteca de Estudos Sociais de Giestra

Em reunião de assembleia geral da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais de Giestra foi resolvido levar à prática uma intensa campanha de protesto contra a condenação a morte de Sacco e Vanzetti.

Uma sessão de protesto

Promovida pelo Núcleo da Juventude Sindicalista do Pórtio, realiza-se na próxima terça-feira, 27, uma sessão de protesto contra a bárbara condenação a morte dos camaradas Sacco e Vanzetti, na rua de Entre-camadas 33, 1.º. Nesta sessão farão uso da palavra delegados da Câmara Sindical do Trabalho, Secção Federal do Norte da Federação das Juventudes Sindicalistas e a Organização Anarquista, etc.

ENSINO RELIGIOSO

A propósito de uma crítica

O *Correio de Coimbra* de 17 do corrente, encheu seis e meia das suas colunas, preciosíssimas para a propaganda católica, com uma crítica do dr. sr. Gonçalves Cerejeira ao meu segundo artigo sobre ensino religioso. Quem a leu imediatamente concluiu que essas linhas não foram ditadas por um espírito calmo.

O que seria que levou este professor, dos mais conceituados da Faculdade de Letras, e sacerdote com grandes responsabilidades morais, a perder a serenidade, que é a arma dos espíritos fortes? Não foi a publicação do meu artigo nas colunas da *Batalha*, pois sobre ele guardo silêncio, como aliás já o guardara também sobre o primeiro artigo, versando o mesmo assunto. Esqueceu a honra do convento unicamente por causa da distribuição desse artigo em folhas soltas em Coimbra, reprodução que por mim não foi promovida, nem custeada e a que procurei pôr impedimentos, por considerar o assunto menos próprio da ocasião. Esta ousadia dum grupo de homens livres, cuja constituição eu desconheço, indignou o dr. sr. Gonçalves Cerejeira que se arvorou em paladino dos católicos desta cidade. Se até para maior ser o gravame a distribuição foi feita quando osromeiros da Rainha Santa enchiam as ruas!

Li essa crítica, e conhecendo já os processos de que são usos e vezeiros certos propagandistas religiosos entre nós, não senti indignação; nem sequer senti os pruridos de liquidar a questão por um desforço físico, criando mais um mártir da questão religiosa e realizando o secreto desejo do meu ilustre crítico. Pelo contrário tive dó. E' que um professor desta Universidade, tão cioso da sua elegância de espírito e do seu brio mental, professor que, segundo os seus amigos e admiradores, se vê através da "mente de aumento que a soberba fabrica", não deve descer à grosseria das palavras e dos conceitos, que pejam a sua prosa crítica, grosseria bem pior que aquela de que tão injustamente me acuso. Essa atitude nem é elegante, nem moral; nela falta a cordura e a civilidade que tem regras a que não é lícito faltar em questões de ideias entre pessoas que prezam a sua dignidade e que têm as responsabilidades de mentores da mocidade e para mais no mesmo estabelecimento de ensino superior, regras cujo respeito fica bem até a adversários os mais irreductíveis.

Antes da publicação desta crítica havia um triste documento, que era o meu artigo, afirma s. ex.ª; agora há dois, e o que lhe pertence é tristíssimo, porque o seu autor não é só um professor, é também um sacerdote. Se não é virtude evangélica furtar a face à mão que esbofetou a outra, como classificar o acto do sacerdote, que continuou a julgar fervoroso e sincero, que não só esconde a face, mas na sua ira pecaminosa levanta a mão para quem o não feriu pessoalmente?

Incontestavelmente o dr. sr. Gonçalves Cerejeira com a severidade perdeu o noção de cortezia e com certeza que aos muitos colegas envergonhados com o meu artigo, há que juntar muitos outros envergonhados com os desmandos de linguagem de s. ex.ª e os primeiros já terão feito entrar a calma no seu espírito atribulado pelo arrependimento e o terão levado a fazer penitência de ter por momentos deixado fugir a graça da luz divina que habitualmente ilumina a sua alma.

Pondo de parte as expressões pejorativas, que não me ferem mas a quem as empregou, o dr. sr. Gonçalves Cerejeira faz uma análise, em que a lealdade é tão completamente posta de lado, que chego a duvidar que a crítica seja da autoria de s. ex.ª, pois cai precisamente nos erros que me atribuiu.

A situação em França

A solução da crise política ainda no domínio das hipóteses

PARIS, 23.—O sr. Poincaré continuou esta manhã as suas conferências para a formação do novo governo, tendo oferecido a pasta da guerra ao sr. Painlevé e a da marinha ao sr. Leygues, aceitando ambos o encargo. E' provável que a pasta das colónias seja entregue ao sr. Pénier. O sr. Poincaré deseja igualmente a colaboração dos srs. André Tardieu, Louis Marin e Maurice BAKANOWSKI, sendo possível que chame igualmente o sr. Daladier, colaborador imediato do sr. Herriot. Salvo qualquer atraso imprevisto, o governo deve ficar constituído no começo da tarde. Indica-se como provável a formação do novo ministério pela forma seguinte: Presidência do conselho, finanças e regiões libertadas, Poincaré; justiça e Alsácia-Lorena, Louis Barthou; estrangeiros, Briand; Marinha, Leygues; Guerra, Painlevé; instrução pública, Herriot; colónias, Pénier; comércio, BAKANOWSKI; obras públicas, Tardieu; pensões, Marinha. A pasta do trabalho não tem ainda titular.

Os que não são banqueiros são apunados
PARIS, 23.—Os estrangeiros continuam a ser invectivados nos "boulevards" pela multidão. Certos jornais apoiam e incitam os manifestantes, considerando os estrangeiros e os turistas como parasitas. Muitos restaurantes recusaram-se a servir os estrangeiros.—(L.)

Dois estrangeiros que não serão invectivados

PARIS, 23.—Chegaram a esta cidade os srs. Melleu, secretário de estado americano para o tesouro, e o banqueiro J. P. Morgan.—(L.)

Saúdação à "Batalha"

Em assembleia geral da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais de Giestra foi aprovada uma saúdação à *Batalha* e a todos os que nela trabalham.

Não pretendo de modo algum entrar aqui na análise da análise, que seria por demais extensa e que me levaria a abusar da hospitalidade que tão fidalgamente tem sido dispensada pela *Batalha* aos meus artigos.

As acusações que envolvem pontos doutrinares serão refutadas uma por uma e assim da crítica, tão tendenciosamente feita por s. ex.ª resultará uma campanha, não contra o dr. sr. Gonçalves Cerejeira, que generosamente esqueço, felicitando-me por não o conhecer pessoalmente, mas contra a propaganda religiosa. Abrangendo os vários pontos da sua crítica, trataremos, quando as colunas da *Batalha* nos forem dispensadas, de: Cristo-amor e Cristo-rancor. A obscuridade e os conceitos imorais nos escritos religiosos. A lógica dos propagandistas católicos. A guerra à escola neutra. O que é o ensino religioso. O ensino religioso das ciências. A concepção imaculada. Os milagres.

Se esta acção desagradar aos católicos, estes que agradeçam ao dr. sr. Gonçalves Cerejeira.

E' certo que não tenho a alta capacidade mental, de que tanto se orgulha s. ex.ª; é certo que não sou um especialista em questões de religião; é ainda certo que o meu estilo não tem a elegância que faz cair em extase beatífico todos os que têm os seus escritos; é também verdade que não tenho pernas para cavalarias e que consequentemente não tenho pé, que é por infelicidade o que mais conexo implica, quando deparamos com alguém que se ufana das suas grandes pernas.

Mas se todas estas deficiências não permitem que me dirija às altas mentalidades, às grandes capacidades, às pessoas de grande cultura científica que fervilham na nossa terra, dirigir-me-hei aos humildes, como até aqui tenho feito, aos proletários como eu, áqueles que abandonaram os dogmas religiosos e áqueles que já há muito olham desconfiados para os que pregam a humildade, mas que a não praticam, que apregoam o desprêzo dos bens terrenos e exploram o crente, que clamam o amor ao próximo e agredem e perseguem o seu semelhante, que gritam o amor e fazem sementeira de odios.

A-pesar de tudo alguma coisa há que tenho de agradecer ao dr. sr. Gonçalves Cerejeira. S. ex.ª berrando aos quatro cantos deste burgo a minha pobreza de espírito, garantiu-me um cantinho do céu, lugar a que não poderia aspirar quem não está disposto a sacrificar a sua razão. Ficarei bem longe de s. ex.ª que, prosseguindo na sua senda de polemista, por demais apaixonado e cego pela ira, perante os insignificantes ataques dos mais modestos adversários das ideias que professa, se transviará lamentavelmente do caminho celeste.

Coimbra, 21 de julho.

Geraldo BRIES

Nota:

A uma acusação não terei ocasião de me referir com mais oportunidade do que nesta. E' a falta de probidade de ter acrescentado ao programa do general Gomes da Costa clausulas que nele se não continham. De certeza afirmo que não conheço o original desse programa, mas recorram os meus leitores ao *Jornal de Notícias* de 15 de junho, página 4, 2.ª coluna e depois de lerem no fundo dessa coluna... liberdade de ensino religioso nas escolas secundárias particulares e superiores... entre outras providências relativas às Universidades, digam como se deve classificar a probidade deste ilustre crítico.

G. B.

Contra a personalidade jurídica da Igreja

Em reunião da assembleia geral da Escola e Biblioteca dos Estudos Sociais de Giestra foi aprovado um veemente protesto contra a personalidade jurídica da Igreja e o ensino religioso nas escolas, tendo sido oficialmente sentido ao actual presidente do ministério. Esta escola vai realizar nos arredores de Giestra uma intensa propaganda anti-clerical.

Uma reunião do pessoal camarário

Ontem pelas 21 e meia horas, reuniu-se na travessa da Agua de Flor, 16-1.º a comissão de melhoramentos dos Operários do Município de Lisboa e hoje às mesmas horas e no mesmo local, haverá uma assembleia geral da mesma classe. O fim da reunião é tratar da atitude da classe em face do procedimento da comissão administrativa de estar aumentando o número dos sem trabalho, despedindo pessoal camarário.

Consta que à reunião assistirão alguns empregados burocráticos do município.

Uma injustiça na Cooperativa dos Chapeleiros "A Social"

A-fim de aclarar alguns pontos da questão latente entre a direcção da Cooperativa dos Chapeleiros "A Social" e os operários da oficina de fúla dessa cooperativa ultimamente despedidos, reuniram-se ambas as partes na redacção de *A Batalha* anteontem. De ambos os lados foram mandados os pontos de vista antes apresentados, excepto na parte referente ao ter afirmado o gerente da referida oficina de fúla que ela dera prejuizo, pois garantem os operários ter havido erro de interpretação, pois antes pelo contrário o referido gerente sempre afirmou que a oficina ora encerrada dava lucros.

Por isso lado damos a questão como encerradíssima nas colunas do nosso jornal, por entendermos não ser aqui o local próprio para ela mais ser derimida

Contrariando o militarismo agudo de certos civis pescadores de águas turvas...

O dinheiro do Estado continua a ser desperdiçado em "ordem pública" embora esta não tenha sido alterada, a-pesar do receio de muita gente, baseado nas estupidas deslocações de guarnições militares que depois do triunfo do movimento se fizeram...

E' até bastante curioso o constatar que, enquanto o movimento se não decidiu para qualquer das duas partes litigantes, havia militares a menos nos dois lados—e depois da vitória surgiram militares de toda a parte, a-pesar de se reconhecer que eles já não faziam falta nem para ressuscitar o sr. António Maria da Silva, nem para dar vida ao general Gomes da Costa...

As espadas não põem carne na panela, não amassam pão, não fazem crescer as couves, nem sequer delas depende a actividade económica do país. E o povo, que tem um raciocínio seguro quando os factos lhe aparecem despidos de subtilidades, entrou a extranhar a aglomeração de oficiais a passear nas ruas da Baixa às horas em que todos trabalham, e começou perguntando se o país se salva com passeios na rua do Ouro, com conversas nos cafés e ajuntamentos no Rossio.

O militarismo é uma classe—e há quem pretenda arvorá-lo numa casta. Protestamos—em nome dos direitos conquistados pela humanidade, que foram ratificados pela Revolução Francesa há mais dum século. As casernas não podem ditar leis ou dar ordens às oficinas, às fábricas, aos laboratórios e às escolas e às universidades. A espada não pode substituir o esforço do operário, o trabalho dos homens de ciência, a pena dos escritores e a cultura dos pedagogos. Não é com a espada que se faz o pão que comemos, o fato que envergamos e a casa que habitamos; não é com ela que adquirimos os conhecimentos técnicos, científicos, artísticos e filosóficos—sem os quais as sociedades humanas teriam de há muito recuado para a barbarie primitiva.

Um oficial do exército tem uma única ciência: a da guerra. A população civil tem uma única ocupação: a da paz. A da paz que eleva civilizações, que elabora o progresso, que determina a evolução para fórmulas sociais mais equitativas e perfeitas. A carreira das armas prepara para o massacre, habilita para a miséria, para a devastação, para a morte. E tanto assim é que as anárquicas instituições políticas que regem as sociedades contemporâneas, para justificar a existência do exército, alegam que ele era necessário para garantir a paz... a famosa paz armada que engendrou a conflagração europeia—o maior crime da história.

Sem o concurso da população civil, o exército não existiria. Não existiria porque o exército é composto, na sua esmagadora maioria, por indivíduos arrancados, arrancados da sua família, da sua casa, da sua terra, transitoriamente, durante meses ou anos, às suas ocupações, quasi sempre exercidas na agricultura, nas oficinas e nas fábricas. Os militares que o são de profissão, são dentro do exército uma minoria relativa e dentro da nação uma minoria absoluta. E essa minoria pode alegar que conhece esse extranho "métier" das armas, pode dizer que dentro dele é cumpridora e sabedora, pode sob o ponto de vista militar invocar os seus direitos, que lhe estão demarcados pelos poderes constituídos—o que não pode é sobrepôr-se a todo o país e dirigir a sua actividade a toques de corneta e a rufos de tambor. Se esse facto se desse as consequências não poderiam ser mais desastrosas. Um país em que o exército pretende sobrepôr-se à própria ordem burguesa instituída para a viver numa balbúrdia sanguinolenta.

Vem a propósito uma anedota: o grande poeta lírico Campoamor, quando governador duma cidade espanhola, no tempo de Sagasta, recebeu d'este um telegrama recomendando-lhe cuidado com a ordem pública. Campoamor respondeu-lhe, tranquilizando-o com a declaração de que a ordem pública não seria alterada na cidade que ele governava, visto não haver nela um único soldado...

A actual situação militar vem a

acabar inevitavelmente numa situação civil, dada a macaqueação, que nós todos nela constatamos, dos defeitos que tornaram odioso e corrupto o predomínio político de António Maria da Silva e dos políticos carnívoros seus sequazes. E assim deve acontecer porque em Portugal existe o funcionalismo militar, mas não existe o espírito militarista. O oficial do exército só excepcionalmente é isso que se designa por militar. Em via de regra ele mete-se nas profissões liberais: invade a escola e torna-se professor, invade a vida comercial e industrial e faz-se comerciante, industrial e banqueiro; invade a política e faz-se "dedicado correligionário", ministro e chefe de partido e fica preso à caserna por um cordão umbilical: a verba do orçamento. O militar, em via de regra, só é militarista antes de ser promovido a tenente... Daí a quantidade de alferes que aparecem sempre nas revoluções militares eivados do espírito de casta e de prosápia de caserna.

Não será tempo de reconhecer, a-pesar do indiscutível brilho das espadas que luzem nas ruas da Baixa, que existe no país uma grande crise de trabalho, que há urgentes medidas a tomar a-fim-de que a população, arrastada pelo exaspero que dá a fome, não recorra a actos cujas consequências são difíceis se não impossíveis de evitar?

P. S.—Sacavém e Queluz regressaram já aos seus hábitos civis. A tropa que lá se encontrava recolheu aos quartéis, provando-se assim que já não se acredita que a ordem pública se mantêm inchando as verbas do ministério da Guerra.

A MORAL RELIGIOSA...

O padre Fulgêncio pretendeu arrancar uma pobre rapariga ao convívio honesto de sua família

As Novidades, que noutros tempos nos atacavam com fúria e ousavam publicar duas vezes por semana a famossíssima e falsíssima tese, segundo a qual "sem Deus e ensino religioso não há moral nem dignidade", vivem agora sob um silêncio prudentíssimo e já meteram a sua tese numa gaveta da sua secretária. E' que nós resolvemos provar, por exemplos e por factos indestructíveis, que aquela gazeta mentia. Continuamos desmascarando o bando jesuítico que infesta o país. Hoje transcrevemos dum jornal do Funchal uma proesa dum padre que revela o ódio que os ministros de Deus nutrem pela família:

"Reina grande descontentamento entre o *rebanho* das Filhas de Maria na freguesia de São Vicente, assim como entre os humildes e sérios habitantes habitantes daquela localidade, em vista do padre Fulgêncio ter escrito uma carta insinuando uma rapariga de 22 anos, arrimo de seus velhos pais, a-fim-de seguir para umas casas religiosas, em Espanha, chamadas conventos.

Os pais da pequena, admirados com a epistola do frade enviada por intermédio do padre Pombo, não foram na bote e abriram-no, ficando scientes da canhele do safardana!

Basta de moralidades desta natureza... Mas se eles têm como mentor um bispo que, quando era cônego, andou a quebrar telhas nas suas aventuras aí para o largo do Chafariz, como toda a cidade sabe...

Cruzes, água benta... Arrançados discípulos de Lóiel, e ainda pensais em obter mais direitos do que a Personalidade Jurídica da Igreja, transformando a instituição da Família numa sociedade de criaturas duvidosas.

Que traficantes! Não fossem eles os tradicionais descendentes de tantos outros assassinos, bandidos, incendiários e todo o cortejo de horrores que a humanidade tem atravessado."

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Consultas jurídicas

Por motivo de impedimento do advogado, dr. Sobral de Campos, as consultas jurídicas que deviam ter-se efectuado ontem, terão lugar hoje, pelas 21 horas, devendo todos os interessados apresentar-se munidos das suas cadernetas confederais em dia.

Presos e deportados

Convida-se a família dos presos de Monsanto e dos deportados a reunirem-se na próxima segunda-feira, pelas 14 horas, no Terreiro do Paço.

MARCO POSTAL

Cercal do Alentejo. — José Lucio dos Santos. — Recebemos 28\$50. Assinatura paga até 31 de Março, p. p.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
£ sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid cheque		3\$07
Lisboa, cheque		\$46
Amsterdã		3\$78,5
Bruxelas cheque		\$47
New York		19\$55
Amsterdã		2\$86
Lisboa, cheque		\$64
Brasil, cheque		3\$05
Paris, cheque		\$58
Stúcia, cheque		\$524
Austria, cheque		\$277
Berlim, cheque		\$466

ESPECTÁCULOS

Nacional. — As 21. — Os Filhos.
S. Paulo. — As 21. — O Filho.
P. P. — As 21. — O Filho.
V. P. — As 21. — O Filho.
P. P. — As 21. — O Filho.
V. P. — As 21. — O Filho.
P. P. — As 21. — O Filho.
V. P. — As 21. — O Filho.
P. P. — As 21. — O Filho.
V. P. — As 21. — O Filho.

CINEMAS

Tivoli. — Olympia. — Central. — Condes. — Chado Ten.
Ideal. — Arco. — Bandeira. — Promotora. — Esperança.
Tortoise. — Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

UNIAO

Policlinica do Rato

PRACA DO BRASIL, 45, 1.º

Dr. Júlio Gonçalves — Boca e dentes, às 13 horas.

Dr. António Monteiro — Clínica geral, senhoras e crianças, às 11 horas.

Dr. Lourenço Raimundo — Rins e vias urinárias, às 13 h 12.

Dr. António Fernandes — Medicina geral e doenças nervosas, às 15 h 12.

Dr. João Saraiva — Doenças dos olhos, às 15 h 12.

Dr. João de Moraes Sarmento — Ginecologia e operações, às 16 h.

Dr. Raiva Saavedra — Pele, sífilis e pulmões, às 17 h.

Dr. Tavares do Couto — Garganta, nariz e ouvidos, às 15 h 12.

Dr. José Crespo — 17 h 12 h. — Clínica médica, estomago, intestinos e fígado.

Análises clínicas, electroterapia, maquiagem e ginástica médica

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — As 5 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Bernardo Villar — 4 horas.

Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.

Pele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às 3 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Estomago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Rato X — Dr. Azeite — 4 horas.

Análises — D. Gabriela Beato — 4 horas.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deporções.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registro, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

OS MISTÉRIOS DO POVO

24-7-1926

— Cá estão eles! Morram os Witt! Morram os traidores! Morra o partido francês!

Serdan, Salauin Lebreun e Nominio, separados das duas vítimas por uma multidão compacta, e não podendo socorrer os sr. de Witt, nem tão pouco fugir ao espectáculo a que iam assistir, obrigados a conter a dor e a indignação de que estavam possuídos tendo ser reconhecidos como franceses, e mortos por isso, trocaram entre si um olhar de desespero...

E eis o que eles viram:

Assim que os sr. de Witt apareceram, um soldado, pegando na espingarda pelo cano, descarregou uma formidável pancada na cabeça de Cornélio, e bradou: — Morre, traidor!... E que recaia sobre a tua cabeça o sangue derramado pelas atrocidades dos soldados de Luis XIV! Morram todos os cúmplices do rei de França!

Cornélio de Witt, atordoado pela violência da pancada, perdeu o equilíbrio, e ia caindo; logo o agarrou o carneiro pelos cabelos, e o levou de rastos, brandindo a faca do officio... João correu em socorro do irmão; mas um tabelião, chamado Van Soenen, cortou-lhe a passagem, e deu-lhe uma tal estocada no rosto, que lho atravessou, brandando ao mesmo tempo com fúria:

— Morre, traidor! que os teus amigos franceses assassinavam os prisioneiros em Swamerdan! Morre, traidor e renegado!

João de Witt caiu por terra, chamando pelo irmão; mas, neste momento, um tal Van Valen agarrou-o pelo pescoço, pôs-lhe um pé no peito, e, apontando-lhe uma pistola, deu-lhe um tiro na cabeça, brandando:

— Morre, scelerado!... Tu atraçoaste a tua pátria Morram todos os cúmplices de Luis XIV e todos os papistas!

— O cadáver de João de Witt foi arrastado para junto do do irmão, debaixo da arcada de Buytenoff. A multidão atirou-se com fúria a estes cadáveres, crivou-os de golpes, despiu-os, mutilou-os horrivelmente,

— terrível represália de que estes mártires eram vítimas inocentes! — mil imprecações recordavam os actos de ferocidade cometidos pelos soldados de Luis XIV, soldados que, depois de cometerem toda a casta de revoltantes infâmias, nem os próprios cadáveres queriam respeitar... Afinal, os restos infames destes dois grandes cidadãos foram pendurados no cadafalso em que se enforcavam os criminosos!...

E logo se ouviram os gritos de morte contra Tilly, e contra todos os amigos dos franceses...

IMPEDINDO NOVOS ASSASSINATOS

Os três franceses, que até então tinham seguido torçados, a onda popular que os empurrava, conseguiram, com grande dificuldade, abrir caminho por entre o povo e deixar passar a multidão que se dirigia para casa do sr. de Tilly.

A marquesa de Tremblay e o abade Boujaron, fiéis às recomendações do sr. de Tilly, conservavam herméticamente fechadas as cortinas das janelas, abstendo-se de aparecer. O abade, em pé junto a uma sacada, tentava, afastando um quasi nada as cortinas, lançar para a praça um olhar furtivo e inquieto.

— Nada de imprudências, abade! dizia a marquesa.

Berta, sentada no outro extremo do salão, pensava com tristeza nos vergonhosos desígnios para que a família contava com ela, e conservava-se como extranha ao que se passava tanto dentro como fora de ali.

— Então abade, dizia a marquesa, vêdes alguma coisa na praça?

— Marquesa, respondeu o abade, lívido e desviando-se da janela, estamos perdidos! Uma imensidade de homens, armados de chuchos e de machados, acaba de invadir a praça. Eles bradam: «Morram os franceses! Não os ouvis? Caminhem para aqui vociferando...»

Effectivamente, ouviam-se formidáveis clamores que se aproximavam cada vez mais, bradando: — Morra Tilly!... Morram os franceses!... Saquemos a casa!

— Eles vêm matar o sr. de Tilly! balbuciou o abade cheio de terror. Ai de nós! Estamos perdidos!

— Estais louco, abade? replicou a marquesa, sem compreender ainda o perigo em que estavam todos. As coisas não chegaram ainda a tanto.

— Não ouvis, senhora os gritos de vingança e represália! disse Berta. Esta gente vem vingar em nós as barbaridades cometidas pelas tropas do vosso amo, instigadas pelos vossos infames bispos católicos!

O perigo tornava-se cada vez mais ameaçador; ouviam-se já na casa passos precipitados, gritos dos criados que, cheios de medo, fechavam à pressa as janelas interiores do andar terreo; a porta sólida e guarnecida de grossas chapas de ferro, podia reter por alguns minutos os assassinos; mas estes começavam já a atacá-la as machadadas e as coronhadas de moquetes, enquanto imensas pedras, atiradas de fora, faziam voar em estilhaços os vidros das janelas. Então é que da sala se ouviram perfeitamente os gritos da multidão.

— Minha irmã foi violada e estripada pelos soldados de Luis XIV! berrava o carneiro com a sua voz estridente. Vingança e represália!... Há franceses em casa de Tilly... Fogo! contra as janelas e contra a porta!... Fogo, que havemos de entrar!

As estas palavras seguiu-se quasi imediatamente o estrondo duma formidável descarga de mosquetaria; a casa pareceu abalada até aos alicerces; e luzizaria continuou com maior violência; depois, a porta principal, meia arrombada, foi acabada de escangalhar com machados e barras de ferro.

De repente, o solho do salão começou a estremecer, repetindo os choques das frequentes pancadas que acabaram por despedaçar a porta, chegaram aos ouvidos do abade, da marquesa e de Berta os gritos furiosos dos assaltante, o que lhes aumentava quanto possível

FATOS

completos e sobretudos

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde 129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobretudos, feitos e por medida

Abatimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

Motocicletas SUN; B S A.

Bicicletas SUN; B S A.

Accessórios — Contadores para água — Gramofones — Discos

Artigos de futebol — Bicicletas «Onix» com uniões, 600\$00.

P. COELHO

Trav. de São Domingos, 28 — LISBOA

BOTAS

CALÇADO A PREÇO DE REVENDA

SECCÃO DE CHAPELARIA

Tudo barato

Sapatos para senhora desde 45\$00

Botas para homem em vitela preta desde 50\$00

Botas para homem forma da moda cor ou preta a 75\$00

Sapatos verniz senhora a 60\$00

Sapatos crepe ceilás última moda a 60\$00

Botas crepe ceilás última moda a 60\$00

Grande quantidade e variedade de calçado de crianças.

Grande stock de sandálias.

Dá-se um brinde, a quem comprar nesta casa e apresente este anúncio.

Vêr os preços de sensação nas nossas montras.

SAPATARIA BRASIL

206, Rua da Madalena, 212

CONSELHO TECNICO

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório: Calçada do Combro, 38-B, 2.º

TALÃO BRINDE

38 — Rua de S. Paulo — 40

(Junto ao Arco)

O possuidor deste anúncio tem direito, mediante a apresentação do mesmo, ao desconto de 10 % no calçado que comprar na nossa casa, recebendo na ocasião um talão numerado com que fica também habilitado a entrar no sorteio.

O nosso calçado tem o preço de venda marcado para que possam confrontar com o das outras casas congéneres. Tudo quanto se dá é dos nossos limitados lucros.

A BATALHA

Fábrica de Malas, Carteiras e Artigos de Viagem

DE JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO

Rua da Cruz da Carreira, n.º 43

Estabelecimentos para venda ao público:

Praça José Fontana, N.º 11 e 11-A

Avenida Casal Ribeiro, N.º 45 e 47

LISBOA

Telefone 5.347 N.

O AUTOMÓVEL SÓ ERA

ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense

de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o

taxis «Citroën» (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528

Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

A' venda na administração

de «A Batalha»

Cartilha do homem do povo. 50\$

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofort. 50\$

O que é ser socialista, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha. 50\$

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva. 1\$00

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar. 1\$00

A Humanidade, por Taraf Javol. 1\$50

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin. 2\$00

Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchofer. 2\$00

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série. 2\$50

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva. 2\$50

Os Crimes da Sacerdotia, por Alexandre Barbos. 3\$00

A Religião da Humanidade, por José Augusto Corréia. 3\$50

A Filologia perante a História, por Nobre França. 4\$00

Serviço de livreria de A BATALHA

POLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja. 1\$00

A Evolução legal e a anarquia. 30\$

Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura. 50\$

João Prat — A burguesia e o proletariado. 50\$

A necessidade da Associação. 50\$

Contant — Contra o confusãoismo. 30\$

Alfredo Neves Dias — Razão (poema social). 50\$

Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social. 30\$

Landauer — Social Democracia. 30\$

R. Mela — O principio do fim. 30\$

A maçonaria e o proletariado. 30\$

J. Most — Peste religiosa. 50\$

João P. do Rio

Definições sociais. 50\$

Horas anarquistas (versos). 50\$

— Carnet de Pensamento. 20\$

J. Bakunine — O sentido em que somos anarquistas. 50\$

Chueca — Como não ser anarquista. 50\$

B. Lazare — A Liberdade. 50\$

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkimof. Preço 1\$50.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

MALETAS DE CABEDAL

em todas as qualidades e feitios, vendem-se a preços de fabricante

— EM —

A ORIGINAL

RUA DA PALMA, 266-A

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho — Amanhã. 16\$00

Alexandre Hercolano. 18\$00

Lendas e Narrativas (2 volumes). 18\$00

Cartas (2 volumes). 18\$00

História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols.). 27\$00

Adolfo Lima. 10\$00

Contrato do Trabalho. 10\$00

Educação e ensino. 5\$00

O ensino da história. 1\$50

Aquino Ribeiro. 3\$00

Anatole France. 10\$00

Estrada de São Tiago. 10\$00

Jardim das Tormentas. 10\$00

Via Sinuosa. 10\$00

As Filhas de Babilónia. 10\$00

Terras do Demo. 10\$00

Augusto de Sousa — Filhas perdidas (Fidos). 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

Bento Faria. 10\$00

A BATALHA

As "forças vivas" procuram atentar contra as oito horas. Que o operariado se acutele!



A Fé e a Razão

Bulhão Pato, escritor que não pôde ser suspeito de grandes simpatias pelos novos ideais da integral emancipação humana, diz no seu livro neoclássico *Sob os ciprestes*, que uma das condições do ignorante é ser crente. Há excepções, bem sei, e os padres não deixam de as adivinhar, quando pretendem provar que a ciência não repudia as suas doutrinas: são os Pascal e os Newton, os Pasteur e os Lennormant, os Sechi e os Freppel, os Menendez Pelayo e os Senna Freitas. Essas aberrações, porém, não bastam a destruir o princípio, quando, se nós passarmos do indivíduo à colectividade, o vimos plenamente confirmado, podendo repetir com o abade de Condillac:

«Os homens, sempre curiosos, nunca foram mais crédulos do que quando foram mais ignorantes.»

E ali está o erro para a galeria: o abade de Condillac, filósofo sensualista, que pertencendo à pleiade gloriosa dos precursores do materialismo científico contemporâneo, permaneceu todavia fiel à Igreja católica... Não sei se eu que acuse de falta de sinceridade o simpático preceptor do príncipe de Parma, ou quanto de fonógrafo: repete inconscientemente o que uma vez lhe sopra-ram. O ensino que nos ministraram na infância, fixa-se, grava-se no cérebro, e a pesar de todas as convicções ulteriores bebidas no estudo e na experiência da vida, subsiste por apatia, por força de inércia, como se tivesse passado a ser consubstancial com o nosso próprio ser.

Noções adquiridas com o fôro de verdades incontestáveis, numa época de inconsciência, exercem sobre nós tal império, que se colocam numa esfera intangível à crítica. Como que temos medo de nos aproximarmos do papão para o vermos de perto. É o caso do capote velho que Teófilo Braga, na *Visão dos tempos*, diz ter existido em casa de seu pai, pendurado atrás duma porta, causando-lhe um terror pueril, até ao dia em que ele ousou aproximá-lo e ver o que fosse o terrível fantasma. As crenças religiosas que nos misturam na infância são os capotes velhos que servem de papão às nossas almas, enchendo-as de terrores supersticiosos; e a nossa crítica, que se exerce sobre todas as coisas com lucidez e independência, estaca indecisa à entrada do santuário, e, as duas por três, está caída em adoração!

E' assim que nós, ao mesmo tempo que estudamos a interpretação científica das lendas místicas de Buddha, de Apolo, de Osiris, de Cristina, de todos os *filhos de Deus*, das velhas histórias heliológicas, acclamamos à letra a lenda de Jesus, fundamentalmente idêntica a todas as outras!

De modo que, no fim de contas, os motivos da nossa fé são o que há de menos racional. Cremos, porque assim nos educaram. Cremos, porque o acaso nos fez nascer antes num ponto do que noutro.

Não me creio, a credulidade geral faz pressão sobre o nosso espírito, que assim se vê sem estímulo para se emancipar dos preconceitos bebidos numa educação tradicionalmente viciada. Uma como que inércia mental evita toda e qualquer investigação sobre matérias de fé. O espírito supõe tais questões liquidadas, e foge a novas fadigas. Quando no meio desta geral atonia alguém se atreve a soltar um grito de dissidência, o espanto é geral. Quem vem assim perturbar a serenidade do lago?... Mas o dissidente cria discípulos; e excede. A obra de decomposição dogmática avança. Afinal um dia a humanidade, solicitada por tantos esforços insistentes, resolve-se a fazer o seu exame de consciência, e descobre então, entre surpresa e irritação, que as suas crenças eram como a estátua de Nabuchodonosor: da solidão do bronze, nas montanhas em pés de barro. Não constituíam um corpo de doutrinas logicamente ligadas a factos historicamente averiguados; tinham tão só o valor dos contos que, nas noites de inverno, em nossas aldeias, as velhas contam aos netos, sentados ao fogo do lar.

Alfredo Paulon, o espiritista autor do *Dicionário Rigolo-Clerical*, diz: «A fé é a primeira das virtudes teológicas, que nos força a engulir, sem discussão, todas as parafusadas com que a igreja regala os seus fieis.»

Por sua parte, Volney, na sua *Lei Natural*, diz que a fé e a esperança são virtudes de ingênuos para benefício de malandros. Todavia a Igreja apenas tem na conta de virtude esta abedição total do critério individual, quando ela beneficia ao seu corpo de doutrinas. Por que igual fidelidade aos princípios, por igual absurdo, das outras religiões, tem-na ela na conta duma infinita perversidade, cruelmente punida neste mundo, quando ela dispõe do poder temporal, e punida ainda outro mundo, por uma eternidade de tormentos...

II

Priestley, teologista, todavia, pretendendo refutar as Ruínas de Volney, deixou escapar este princípio de disciplina mental: «O que é manifestamente contrário à razão não pode por ela ser recebido.» Ora, ali é, em verdade, o caso das chamadas verdades de fé...

«Muito se engana quem muito crê», diz um provérbio oriental—o que não obsta a que sejam os orientais os mais crédulos dos povos. Verdade seja que nós, os ocidentais, fazemos todo o possível por os imitarmos. Ainda outro dia o *Correio Nacional*, órgão do jesuitismo orleanista, tinha o despolo de dizer que a religião católica é a única que não é contrária à razão.

Ora vejamos: A religião católica, como todos sabem, funda-se na Bíblia. Pois a Bíblia, quando trata da criação, diz que Deus criou a luz, dizendo: «Que a luz seja!» mas a luz ficou indistinta das trevas, tendo depois Deus o trabalho de as separar.

Já vimos nada mais racional do que esta confusão da luz com as trevas, por forma tal que não é possível distingui-las sem a intervenção de Deus?... Depois supor a criação especial da luz é fazer da luz uma substância, quando ela é apenas uma propriedade de determinadas substâncias. Ainda se podia achar a tangente duma metonímia, empregando-se a palavra luz pela palavra sol, se mais adiante nos não aparecesse de novo Deus desta vez a criar o sol. Por conseguinte Deus criou a luz, e separou-a das trevas, antes mesmo de ter criado o sol!

E' racional, não é?... A religião católica, como todas as outras,

aliás, impõe-nos a crença em determinados mistérios. *Mistérios* são coisas incompreensíveis que nós devemos crer sem jamais procurarmos compreendê-las. Por exemplo: a mãe de Jesus ficou tão virgem depois de ter parido o seu neto, como antes de receber a visita do galhardo arcanjo, o qual, da parte do Altíssimo, lhe veio anunciar que o Espírito Santo iria fazer em seu seio o casto e divino ninho do seu amor. A razão grita que é absurdo. Mas, como a Igreja intertinha a dizer-nos que se trata apenas de um mistério, termos que se equivalem muito bem, toda a dificuldade desaparece, e o absurdo tornou-se a coisa mais evidente do mundo...

Passemos ao mistério da Trindade. Este mistério resume-se no seguinte: o Deus dos cristãos é só um, mas há nele três pessoas; não como três modos diferentes do seu ser, mas como pessoas realmente distintas, embora todas um só Deus. *Padre - Filho - Espírito Santo = Deus Único.*

Como diria Camilo Castelo Branco, isto é claro como um preto.

Mas, pelo desenvolvimento da doutrina, evidenciamos melhor o seu absurdo. O Padre é uma pessoa; o Filho é outra pessoa; o Espírito-Santo é outra pessoa; consubstanciais, todavia, a pesar da sua diferença, ou seja, formando todas um só espírito, uma substância simples e inextensa, a pesar da soma das três pessoas!

O Padre é Deus; o Filho é Deus; o Espírito Santo é Deus; todos distintos, como é natural. Conjo é natural também o Pai gerou o Filho; mas (e aqui começa outra vez o embrulho) o Espírito Santo procede do amor dos outros dois, embora eles sejam machos. Pois a pesar desta distinção e de esta procedência e filiação, eles são todos um só e o mesmo; e a pesar da anterioridade do Pai em relação aos outros, nenhum deles é mais velho, nem mais novo.

Compreenderam?... Nem eu. Pois é esta verdade sublime que a igreja nos manda engulir, sob pena de inferno por toda a eternidade!

Temos agora a eucaristia. Por meio das palavras proferidas pelo padre no acto da consagração, a host transformase, não figurativamente, mas realmente, no corpo sangue, alma e divindade de Cristo.

As substâncias conhecem-se pelas qualidades. Tendes ali, à vossa frente, no sacramento eucarístico, a alvura da farinha, o gosto da farinha, a polidez da massa, o grão da massa, o seu peso, o seu cheiro, o cheiro do vinho, a cor do vinho, o sabor do vinho, o peso do vinho, a fluidez do vinho. Puro engano, pura ilusão dos sentidos tudo isto: o que vós tendes ali... É preta, autêntica e perfeita, é o corpo de Jesus Cristo, com a sua carne e com os seus ossos, com o seu sangue, com o seu cabelo, com a sua barba, com os seus intestinos, com os seus genitais, todo ele tal qual se encontra a estas horas, segundo é de fé, sentado, no alto céu, à direita do Senhor seu Pai; mais ainda: não é só a personalidade humana de Jesus o que ali se encontra, é a sua personalidade divina, é o próprio Deus, o Infinito, o Absoluto, naquela hostia frangível e manducável! E rídes vós quando vêdes o botucudo aclear mãos do nigromante, o que explora, o fetiche, sobre o qual ele faz descer, mediante as suas arlequinices sagradas, o espírito da divindade!

Mas continuemos: Cristo está na hostia e Cristo está no vinho. Inteiro numa e no outro. E todavia esses dois Cristos são um só Cristo. Mais ainda: havendo ao mesmo tempo, nos diversos lugares do mundo, milhões de hostias e de cálices consagrados, todos esses Cristos não fazem mais do que um Cristo, que é o mesmo que está no céu! É uma beleza de aritmética.

E eu já ouvi um pregador, a tal respeito, muito anão de si: «E que vos parece, ó incredulos?... pois quando se parte o vidro dum espelho, vós, a pesar de constituídes apenas um indivíduo, não vos vêsdes ao mesmo tempo reproduzidos em todos e em cada um dos fragmentos do espelho?...»

E' uma subtilidade de cretino, mas é assim que eles embacam os crentes menos malhosos do que eles. Pois é evidente que o que se vê em cada fragmento do espelho, como no espelho inteiro, não é o indivíduo real, mas apenas a sua imagem reflectida. Não há identidade de substância, como ácerca do sacramento eucarístico se afirma; há apenas semelhança na reflexão da imagem.

Demos um último exemplo da racionalidade da fé proclamada pelo *Correio Nacional*. Quereis obter o dom da sabedoria, e o dom do entendimento, e o dom da força, e o dom da ciência, e o dom da glória?... Eu não vos dou explicação de todas estas coisas, porque seria fastidioso. Mas ide ajeitar-vos aos pés do vosso bispo. Ele traça-vos na fronte uma cruz com azeite bento, recita certas palavras mágicas em latim, dá-vos uma bofetada e está tudo pronto: todas aquelas virtudes foram adquiridas mediante o sacramento da confirmação. Tanto benefício a tróco duma genuflexão e duma bofetada é um ovo por um real. Quem há por aí que queira ser esbofetado pelo sr. bispo, a fim de adquirir... o dom da força?

Pobre povo! ouve ainda o que te diz Priestley, teólogo todavia, num momento de deslucido:

Quanto ao intelecto, os homens e os animais nascem no mesmo estado, tendo os mesmos sentidos externos, que são os canais únicos de todas as ideias, e, por conseguinte, a fonte de todos os conhecimentos e dos hábitos morais que eles adquirem.

Ora, dizei-me: os sentidos confirmam com o seu testemunho os princípios da vossa fé?... A'cerca da eucaristia, acabamos de ver claramente que não.

Como não vereis assim que vos iludem a fim de melhor vos explorarem?...

Heliodoro SALGADO

Classes que reclamam

Pessoal dos Tabacos

A Comissão Administrativa Provisória da Indústria dos Tabacos comunicou às comissões do pessoal operário e não operário que por despacho do ministro das Finanças são mantidas ao pessoal todas as garantias que disfrutava na vigência do monopólio, de harmonia com o despacho ministerial de 30 de abril passado.



Grande excursão fluvial

Está despertando grande interesse entre a classe operária o passeio fluvial que a comissão escolar do Sindicato Único da Construção Civil realiza, no dia 15 de Agosto, pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, com desembarque na Trafaria, onde se realizará um pic-nic no pinhal, depois do que proseguirá o passeio até ao Seixal, regressando daqui a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gazolina da Cooperativa dos Catraeiros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço pelas 8 horas, seguindo depois até Belem, onde atracará num gazolina à ponte para receber os excursionistas daquela parte da cidade, devendo regressar às 20 horas ao ponto inicial do embarque.

Acompanhará a excursão um excelente grupo musical composto por elementos da Sociedade Filarmónica Verdi. Como a comissão escolar tem de comunicar à Cooperativa dos Catraeiros, com 8 dias de antecedência, os barcos que necessita, previnem-se todos os camaradas que se queiram aproveitar deste magnífico passeio para se munirem dos respectivos bilhetes até essa data, para assim facilitarem o trabalho a esta comissão.

Os bilhetes estão à venda na administração de A Batalha, na residência do continuado do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10\$00, podendo ser pagos em 4 prestações de 2\$50 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meio bilhete.

CARTA DE COIMBRA

Um senhorio que atenta contra a sanidade pública

Uma comissão de inquilinos da Vila Mendes apresentou-nos a seguinte reclamação:

«Os inquilinos da Vila Mendes, aglomerado de habitações, onde vivem 12 famílias, na estrada de Lisboa, em Santa Clara, vêm há bastantes meses suportando o cheiro pestífero que, emanando dum fossa onde corre caudalosamente, a dois metros do prédio, os dejectos dos habitantes, envenenando a atmosfera de suas casas, tornando o ar irrespirável.

Por várias vezes, aqueles inquilinos têm chamado a atenção do senhorio, sr. Joaquim Mendes Coimbra, para o grave perigo que, para a sua saúde e de suas famílias, representa aquela fossa sem condições de resguardo, convidando-o a mandar proceder às indispensáveis obras.

O senhorio, sr. Joaquim Mendes Coimbra, morador na mesma estrada de Lisboa, velho avariado, pondo acima do bem-estar da população as suas conveniências capitalistas, negou-se sempre a satisfazer esta justa reclamação dos seus inquilinos. Na última vez em que o convidaram a extinguir o referido foco de infecção, respondeu o senhorio, desta estúpida maneira:

—Quem não está bem, que se mude! — Os reclamantes acabam de comunicar o caso ao sub-delegado de saúde e ao comissário de polícia, aguardando que aquelas autoridades manifestem o seu interesse pela sanidade pública, não descurando deste assunto.

Confiam em que A Batalha, incondicional defensor dos explorados, agite em suas colunas esta questão e nelas exare o nosso protesto contra a atitude infame e anti-higiénica dum senhorio avaro.»

Aqui fica a reclamação e o nosso protesto contra o proceder estúpido dum senhorio igual, nos processos, à maioria dos senhorios.

Um protesto justo contra atitudes cobardes e incorrectas

Da comissão de recepção aos excursionistas do Porto, que organizaram a homenagem à memória do liberal, Joaquim António de Aguiar, recebemos com pedido de publicação o seguinte comunicado em protesto contra a atitude insolente da filarmónica desta cidade, protesto a que damos o nosso apoio, por o considerarmos absolutamente justo.

«A Comissão de Recepção que nesta cidade se constituiu para receber os excursionistas do Porto, que no dia 11 p. n. os visitaram, julga do seu dever vir perante o publico apresentar os verdadeiros culpados do fiasco, a quando da sua chegada.

Esclareçamos, embora rapidamente: Sendo desejo desta Comissão, como era natural, recebê-los com dignidade, avistouse desde logo com a Sociedade de Defesa e Propaganda e a Comissão do Turismo, que nos deram todo o apoio, tendo sido ali na sua sede que se realizou a sessão de boas-vindas, pelo que nos confessamos sumamente gratos.

Oficiou para as associações de socorros mútuos, de classe, sociedades recreativas, corporações de bombeiros, centros republicanos e até para as instituições liberais, pois que não tendo a excursão carácter político era contudo acentuadamente liberal. Estas e as poucas que apareceram tinham os seus estandartes escondidos, sem coragem para os desfaldar. Liberais também apareceram poucos, tendo-nos acompanhado ao cemitério da Conchada os srs. Tomás da Fonseca e Almeida Costa, que desasombrosamente naquele local, junto do jazigo de Joaquim António de Aguiar, onde foi colocada uma lápide, homenagem do centro promotor da excursão, proferiram discursos.

Mas muita gente se juntaria e ainda se formaria um cortejo razoável se a filarmónica «Grupo Musical Artístico» tivesse comparecido na estação Nova, como estava comprometida, a fim de receber os excursionistas.

E', evidentemente, a este grupo musical, que se deve atribuir a culpa da forma indigna como eles foram recebidos. Faltaram a sua palavra para com esta comissão que

lhes oficiou pedindo o seu auxilio, tendo os srs. Cardoso e Alvaro Furtado dado resposta favorável, mas advertindo-nos que a música não iria ao cemitério, pois só acompanharia os excursionistas até Montarroyo, e desobedeceram às ordens da Comissão Central das Festas, que os escalou para acompanharem a excursão.

Averiguando nós junto de dois membros da Comissão Central qual o motivo desta lamentável falta, foi-nos dito que tinham sido dadas as respectivas ordens da Comissão Central, que lhe pagava, e a Direcção faltou ao compromisso tomado para com esta Comissão.

Qual a razão? Parece que a achamos. Tinham medo de ser excomungados por ir tocar a uma excursão liberal.

Fazemos este esclarecimento para que o publico e principalmente os excursionistas do Porto não fiquem julgando que a Comissão de Recepção não trabalhou nem se esforçou para que lhes fosse feita uma recepção condigna.

O que nós nunca calculamos foi encontrar pela frente gente deste quilate.—A Comissão de Recepção.

A manifestação ao Troviscal

Conforme noticiamos está em organização uma manifestação de solidariedade à banda do Troviscal, a qual se realiza no próximo domingo, saindo o comboio às 5 horas e 50 minutos.

A comissão, que é presidida pelo lente da Universidade sr. dr. Geraldino Brites, ofertará à filarmónica, afrontada pela intolerância religiosa, um magnífico objecto de arte.

Esperase grande afluência em virtude do entusiasmo que lava por esta manifestação.—C.

COOPERATIVA LISBONENSE DE CHAUFFEURS

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

Convoco os sócios a reunir em Assembleia Geral no dia 6 de Agosto de 1926, pelas 21 horas e 30 minutos, na Avenida Visconde Valmor, 72, desta cidade, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª. Apresentação, discussão e votação de propostas da direcção; 2.ª. Discussão e votação de documentos admitidos na assembleia anterior; 3.ª. Resolver-se sobre um compromisso da comissão organizadora, a requerimento de socios conforme o estatuto; 4.ª. Apreciação e votação do projecto de reforma dos estatutos; 5.ª. Apreciar-se a compra da garagem.

Lisboa, 22 de Julho de 1926.

O presidente da mesa da Assembleia Geral

João Cardoso da Silva Araújo

Demissão de pessoal municipal

Os informadores e guardas dos Jardins dispensados do serviço na última sessão em virtude da resolução da Comissão Administrativa, foram os seguintes: Informadores: José Galvão de Oliveira Monteiro, António Fernandes, Aníbal da Silva Freire, José Bernardo Mimoso Correia, Joaquim Conceição Camoesas, António Augusto Cabral, Manuel Pinho, Artur Valente Colras Salreu, Augusto Ferreira Fontoura, Francisco Firmino, António Linhares, José António Barros Leitão, João António Graça, Cândido Alberto Teixeira, Francisco José da Silva, Rosendo Aliaia de Carvalho e David António de Barros.

Guardas: Abel Nunes, Augusto José Leitão, José Loureiro, José Ferreira, Augusto Inácio Paiva, Eugénio Rocha, António Marques Ferreira, António de Almeida, Manuel Martins, José Ferreira (6.ª), Eduardo do Nascimento Moreira, João Miranda de Oliveira, Manuel Jorge, David Paulo, Alfredo Florêncio de Sousa, Jacinto José Viçêncio, Alfredo Pinto, João Rodrigues da Assunção, José Joaquim Antunes, José Ribeiro Cardoso, António Gonçalves Gago, Patrício de Almeida Lopes, José Morgado, António Dias, Amadeu Casimiro Sales, Joaquim Nobre, Joaquim Simões Chora, Luis Pinto Ataíde, Francisco Rodrigues Monteiro, Alfredo Nunes Pinho, Ricardo Gil, José Roque de Oliveira, José Soares Candeias, José Vitorino Alves Mendes, João Gonçalves Moura, Manuel António Lopes, Filipe José dos Santos, Eduardo Augusto César, Manuel Joaquim Horta e Adão Duarte.

INTERESSES DE CLASSE

Aos ferroviários da Companhia Portuguesa

A comissão de ferroviários que foi eleita numa grande reunião do pessoal da C. P., efectuada em Campolide, publicou agora um manifesto dirigido à classe. Nesse manifesto expõe-se francamente a situação do sindicato, hoje nas mãos de uma comissão administrativa que resolve secretamente, sem a menor consulta a qualquer assembleia de interessados. Essa comissão, desprezando a opinião da classe, chama a si determinados indivíduos que a seu talante exercem o papel de conselheiros.

O mesmo manifesto refere, ainda:

«Assim se mantem isto há 3 prolongados anos, não existindo sequer uma Comissão de Melhoramentos que trate dos interesses da classe, sendo sempre diferentes os elementos que se dirigem aos governos ou à Companhia, elementos que nunca poderão representar a classe porque não foram por ela nomeados, não existindo por isso uniformidade na acção e os resultados são os que os ferroviários têm observado!

Isto a continuar assim, amanhã a classe da C. P. encontrar-se-há reduzida ao maior dos indiferentismos, esquecendo-se quasi a sua existência!

Além destes factos, e quando as circunstâncias especiais do momento que se atravessa, indicavam a maior harmonia entre todos os organismos ferroviários, é que numa nota dimanada da Comissão Administrativa do Sindicato, se ataca a Federação por ter feito reclamações ao governo, algumas das quais interessando à classe da C. P.

Mesmo que existisse uma forte razão para o fazer, neste momento, por uma questão de visão dos acontecimentos e interesse colectivo, nunca deveria tal nota ser publicada.

Mas não existe razão alguma aceitável. A nossa classe está federada e são os próprios documentos do Sindicato que o atestam, pois o label federativo é usado em todos eles, e portanto a Federação pode reclamar em nosso nome e as suas reclamações são de facto muito mais importantes e profundas do que as formuladas pelo Sindicato.

E depois de verberar com altissonância os factos que merecem referência, o manifesto prosegue:

«Nas últimas assembleias gerais, preparadas pela comissão administrativa do sindicato, 102 propostas de sócios foram rejeitadas talvez por uns 40 ferroviários! Já se viu isto nalgum lado?

E' a ditadura da comissão administrativa do sindicato, manobrando como entende e enganando aqueles que, sem o saberem, estão contribuindo para a completa desorganização da classe. Mas isto não pode arrastar-se indefinidamente. Há que transformar esta situação que produzirá o absoluto adormecimento da nossa organização. No cumprimento dum dever, como ferroviários desejamos de ver a classe caminhar, chamamos a sua atenção; resta que os restantes camaradas queiram connosco congregar esforços para o levantamento do sindicato.

E isso compete à classe toda feita-lo, para sua honra e prestígio.

Só assim é que os anos não correrão velozes, como os últimos têm voado, sem que a classe consiga qualquer pequena regalia, na conquista dos seus objectivos.

Nós, estamos dispostos a não nos desviarmos do caminho que tracamos:

Pelo levantamento moral do sindicato! Pela unificação da classe ferroviária portuguesa!

Que a restante classe assim o compreenda, que nós não recuaremos um passo no terreno que palmilhámos, e continuaremos nesta luta permanente em defesa da classe e dos seus interesses, contra a ditadura da comissão administrativa do sindicato!

A comissão signatária deste manifesto, reúne-se na rua de São Paulo, 121, 2.ª.

SOLIDARIEDADE

Na Sociedade de Instrução Amigos da Infância realiza-se hoje e amanhã, uma festa a favor do camarada Raúl Carlos que se encontra impossibilitado de trabalhar há 4 anos, tomando parte o grupo infantil «Os Andorinhas» e o ventríloquo José Pardal.

Pró-António Rosa e Celestino Rosa

Em favor de António Rosa e Celestino Rosa realiza-se hoje, com início às 21 horas, no salão de festas da Construção Civil uma festa de solidariedade com o seguinte programa: 1.ª parte: representação da comédia «Os galos»; 2.ª parte: representação da comédia «Zaza»; 3.ª parte: números de força pelo «Atleto Português»; 4.ª parte: um acto de «Folies Bergères» e canção nacional por João Maria dos Anjos, José Leitão, António Lado, Luis Câmara, Guilherme Bastos, Júlio Proença, Joaquim Campos, Artur Ataíde, Venturas Barros e outros.

Os acompanhamentos serão feitos por Armando Freire (Armandinho Abel Negrão).

Pró-Firmo Henrique Sequeira

No dia 8 de Agosto, promovida por uma comissão de amigos nos quais se encontram alguns conhecidos militantes operários, realiza-se no salão de festas da Construção Civil uma grandiosa festa de solidariedade em favor do antigo militante da organização sindical do operariado mobiliário Firmo Henrique Sequeira, que se encontra em precárias circunstâncias em virtude de há longos meses se encontrar sem trabalho.

O programa desta festa, cuidadosamente elaborado, será em breve publicado.

Trânsito de veículos

A comissão administrativa do Município de Lisboa aprovou o seguinte projecto de postura:

Artigo 1.º. Fica expressamente proibido o trânsito de toda a natureza de viaturas, do Sul para o Norte, na rua do Registo Civil, na parte compreendida entre a travessa da Bica, aos Anjos, e a rua Andrade.

Art.º 2.º. Os veículos, que de condução de passageiros, que de carga, que se destinem aos serviços dos moradores ou proprietários dos estabelecimentos situados na parte da rua do Registo Civil, compreendida no artigo antecedente, só poderão entrar nela de norte para sul.

Art.º 3.º. Aos infractores do disposto nesta postura, será aplicada a multa de 6\$000.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Pessoal dos Hospitais Civis—Reuniu ontem a direcção tratando de diversos assuntos administrativos e tomou conhecimentos das demarches realizadas sobre diversas reclamações pendentes do pessoal hospitalar. Resolveu enviar um telegrama ao ministro da América em Portugal pedindo o indulto de Sacco e Vanzetti, resolvendo também rogar à imprensa a publicação da seguinte nota:

«Sendo frequente aparecer na imprensa notícias referentes às comissões que vão junto das diversas entidades fazer reclamações de interesse colectivo, este sindicato protesta contra essas comissões constituídas *ad-hoc* que nenhuma autoridade legal possuem para tratar ou defender os interesses que dizem respeito ao pessoal dos hospitais, originando assim essas comissões a confusão, porquanto esta associação não tem descurado as suas reclamações. Brevemente realiza-se uma assembleia geral para tratar de diversos assuntos colectivos.

Sindicato da Construção Civil—Secção do Alto do Pina—A comissão que realizou a festa para custear as despesas feitas com os melhoramentos da sede convida todos os camaradas que tenham bilhetes em seu poder, que devem fazer a sua entrega hoje, das 21 horas, em diante. A comissão reúne pelas 21 horas.

Sindicato Único Metalúrgico—Reuniu-se a assembleia geral para a continuação dos trabalhos das últimas sessões. Por requerimento, foi alterada a ordem dos trabalhos, sendo, por isso, apreciado o parecer sobre o número confederal na caderneta, o qual, depois de algumas explicações, foi aprovado. O segundo número a apreciar foi o parecer da comissão revisora de contas do ano transacto, que foi aprovado. Contas da apreciação do officio dos ex-delegados à C. S. T., assim como da moção aprovada na última assembleia. Falaram vários camaradas, sendo aprovado um requerimento para se passar à votação da seguinte proposta que foi aprovada por maioria: «Em face da forma como feita a votação da moção Almeida Marques na assembleia passada, proponho para ficar sem efeito referida votação.»

Por Fernando Almeida Marques é apresentada uma modificação à sua moção substituindo os considerandos anteriores, ficando a referida moção assim redigida: «A assembleia geral, depois de apreciar largamente a atitude dos delegados na Câmara Sindical do Trabalho no assunto *frente única* resolve: substituir imediatamente os delegados na Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, António da Graça e Quirino Moreira, por não cumprimento e defesa da orientação estabelecida pelo sindicato. A assembleia, depois de apreciar este assunto e as substituições na moção em discussão, aprovou, finalmente, por maioria, a referida moção da forma como foi redigida com as alterações.

Procedeu-se à nomeação de delegados à C. S. T. recaído a escolha em Américo Vilar e Fernando Almeida Marques. Em seguida foi a sessão suspensa até à próxima terça-feira.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE: Empregados no Comércio e Indústria.—Pelas 22 horas, as comissões administrativas e de melhoramentos.

Marinheiros e Moços—Pelas 19 horas, assembleia geral, para assuntos de interesse para a classe.

Manufactores de Calçado—Pelas 21 horas, assembleia geral, para apreciação de um officio do Conselho Confederal, uma circular da C. G. T., outro officio da C. S. T., e vários assuntos de classe.

Operários do Município—Pelas 21 horas, assembleia magna, travessa Agua de Flor, 16, 1.ª, a fim de se apreciar a situação dos despedidos, esperando-se, igualmente, a comparência de operários e funcionários.

DIAS PROXIMOS:

Carpinteiros Navais—Amanhã, pelas 13 horas, assembleia geral, para apreciação do relatório da comissão administrativa.

Federação Corticeira—Amanhã, pelas 11 horas, o conselho federal.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Associação Marítima de Faro—Amanhã, pelas 15 horas, reúnem os marítimos em assembleia magna, para apreciar vários assuntos de interesse e para tratar do desenvolvimento da Associação. Foi convidada a enviar um delegado a esta assembleia, a Federação de Indústria de Transportes Marítimos e Fluviais de Portugal.

JUVENUTES SINDICALISTAS

Núcleo dos Manipuladores de Pão—Em reunião de assembleia geral eleger os corpos gerentes que ficaram assim constituídos: Comissão Executiva: secretário geral, Gaspar da Cunha; secretário administrativo, António Augusto Soares e vogal, António Teixeira Lima. Delegado à comissão de propaganda José Ruas. Também foi nomeado Bento Mendes da Costa para a mesma comissão.

—Reúne, na próxima segunda-feira em assembleia geral, pelas 13,30, com a comparência de todos os filiados visto ser grave o assunto a tratar.

Núcleo de Lisboa—Em virtude de a autoridade não permitir a realização da assembleia geral deste núcleo, pede-se a todos os camaradas filiados, auxiliares ou efectivos, que passem hoje, à noite, pela sede central, pois há assuntos de alta importância a comunicar, e o secretário está apenas, neste momento, composto por metade dos seus membros.

Banda dos Bombeiros Municipais

A banda de música do Corpo Municipal de Salvação Pública (Bombeiros Municipais), realiza amanhã um concerto no jardim da Estrela das 17 às 19 horas, com o seguinte programa:

1.ª parte: O cant da Valência (Paso Doble) Pedro Sousa; Vesperi Siciliani (Overture) G. Verdi; La Filha do Regimento (Seleção) G. Donizetti; Carnaval de Veneza—Variações de bombardino, pelo slista sr. António Moreira; Nabucco (Sinfonia) G. Verdi. 2.ª parte: 4.ª Rapsódia do Porto, S. Moraes; Rienzi (Overture) Wagner.